



NOTÁVEL DISCURSO DO MINISTRO DA JUSTIÇA

Ao inaugurar o novo Palácio da Justiça de Pombal, o Ministro Antunes Varela fez uma notável explanação sobre o valor da equidade como fonte de direito, tendo estabelecido, em palavras claras, a diferenciação entre justiça e equidade.

Do seu discurso extratamos: «A equidade começa por basear-se em considerações de justiça. No processo da sua formação interferem os mesmos ingredientes que alimentam a substância da justiça como sejam os princípios da igualdade ou da simples proporcionalidade e, com mais frequência ainda, os juízos de razoabilidade na solução das pendências entre os homens. Mas enquanto a justiça, de olhos vendados perante as realidades particulares da vida, apenas contempla a linha geral dos fenómenos sociais, a equidade esforça-se por conhecer os acidentes singulares de todas as situações concretas, a fim de adaptar a reacção do julgador às exigências específicas de cada uma delas. Apoiada na abstracção, a justiça é deliberadamente cega a tudo quanto se desvia das linhas-mestras em que os seus preceitos assentam, ao passo que a equidade se pode bem definir como a justiça do caso concreto.

Por outras palavras; A justiça é uma espécie de deusa, que olha sempre do alto da sua majestade com o instrumento da generalidade nas mãos para as relações sociais que ao Direito cumpre disciplinar, enquanto a equidade como abelha que incansável pouso de flor em flor, procura avidamente sugar de cada situação real o que a vida tem de mais valioso no plano ético-jurídico da sociedade».

Elucidou, depois, com exemplos concretos, a diferença

substancial existente entre os dois conceitos, para finalizar com um apelo, dirigido a todos os juristas, mas especialmente aos nossos magistrados, no sentido de valer a pena insistirem no processo de reabilitação da equidade, contra os exageros condenáveis que a têm comprometido e contra os juízos prejurativos que injustificadamente a têm diminuído, e terminou por acentuar:

«Haverá que situá-la no lugar modesto que lhe compete entre as fontes do direito; mas há também que dignificá-la, uma vez colocada no pedestal que lhe pertence, libertando-a de todas as escórias susceptíveis de embaciar o brilho da sua luz.

Assim contribuiremos afinal para a perfeição do sistema jurídico.

«Não é só construindo novos tribunais ou forjando novas leis que os homens servem a justiça; servi-la-ão também se, purificando as fontes donde brota o direito, souberem aperfeiçoar a disciplina das relações sociais, sanear o ambiente moral da colectividade, facilitar o entendimento e a compreensão entre os homens».

SENA

Nota do Governo Civil de Leiria

Por conveniência para os respectivos concelhos, foram alteradas as datas fixadas para a Comemoração do XL Aniversário da Revolução Nacional, nos concelhos de Ansião, Marinha Grande e Peniche.

Assim:

Ansião — o «Dia do Concelho» marcado para o próximo dia 10 de Agosto, foi adiado para data a indicar oportunamente;

Marinha Grande — o «Dia do Concelho», que estava fixado para 20 de Agosto próximo, foi transferido para 3 de Setembro seguinte;

Peniche — o «Dia do Concelho», que estava marcado para o dia 21 de Agosto, foi transferido para o dia 25 de Setembro.

A INAUGURAÇÃO DA PONTE SOBRE O TEJO

Na lápida da Ponte Salazar está sintetizado todo o legítimo orgulho de um Povo que vê transformar-se em realidade uma aspiração secular. Não transmite, é certo, o colorido e o dinamismo das cerimónias inaugurais, mas na sobriedade do bronze perpetua um dos maiores, senão o maior evento socio-económico dos quarenta anos da Revolução Nacional:

«A Ponte Salazar foi inaugurada em 6 de Agosto de 1966 pelo Presidente da República contra-almirante Américo Deus Rodrigues Thomas, sendo Presidente do Concelho o Doutor António de Oliveira Salazar e Ministro das Obras Públicas o engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira. Lançou a bênção à obra o Cardeal-Patriarca de Lisboa. Estiveram presentes na cerimónia inaugural o Presidente do Conselho de Ministros, acompanhado de todos os membros do Governo, os presidentes da assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça, os membros do Corpo Diplomático, altas individualidades civis e militares, os técnicos e operários que realizaram a obra e o povo português, representado por grande multidão de todas as categorias sociais.

Realização do Ministério das Obras Públicas, esta obra, compreendendo os acessos rodoviários nas duas margens, foi iniciada no dia 5 de Novembro de 1962, tendo o planeamento geral condução e fiscalização estado a cargo do Gabinete da Ponte sobre o Tejo, sob a direcção do engenheiro José do Canto Moniz. Na construção desta ponte — a maior da Europa — e dos seus acessos foram escavados seis milhões e meio de metros cúbicos de rocha e solos, fabricados e moldados trezentos mil metros cúbicos de betão, fabricadas e montadas oitenta e duas mil toneladas de peças de aço. Chegaram a trabalhar, simultaneamente, na obra cerca de três mil operários portugueses. Deram as suas vidas na execução deste empreendimento quatro operários: José da Silva, Jorge Germano Ribeiro, Tutes dos Anjos Serra e Fernando Sampaio Dias Oliveira.

Esforço da geração presente, homenagem às gerações que a precederam e mensagem de confiança às gerações vindouras».

As dez horas e meia do dia 6 de Agosto os mortos circundantes da Praça da Portagem ajoelhados de milhares de pessoas e,

nesta, as três tribunas armadas repletas de convidados — membros do Governo, antigos Ministros, o Corpo Diplomático, os membros da Comissão Executiva das Comemorações do 40.º Aniversário da Revolução Nacional, oficiais generais das forças Armadas, altas figuras da Administração, deputados, personalidades estrangeiras especialmente convidados a participar nas cerimónias, e o grosso das 12 000 restantes individualidades — haviam recebido com uma prolongada ovação o Presidente do Conselho, Prof. Doutor Oliveira Salazar, que tomara o seu lugar na Tribuna Central. Anunciada, então, a entrada pela auto-estrada do Sul, do Chefe do Estado, o sr. Almirante Américo Thomaz foi recebido na Praça da Portagem pelas Forças Armadas em parada, enquanto a Banda da Marinha executava o hino nacional e uma bateria de artilharia salvava com os 21 tiros da ordenança. Os aplausos frenéticos da multidão rodeiam o Supremo Magistrado da Nação dando-lhe a justa medida do prestígio que desfruta e do apreço em que é tido o seu magistério nacional.

Como escreveria um cronista inspirado, espectáculo magnífico pelo significado, pela cor e pela vibração de orgulho patriótico o que se desenrolou na margem sul do Tejo, ao ser inaugurada pelo Chefe do Estado a Ponte Salazar, obra cimeira de engenharia com que a Nação há tanto sonhava. Sôbria e digna, mas animada por um fervor que empolgou os próprios convidados estrangeiros, muitos dos quais não dissimulavam a sua emoção, a cerimónia admiravelmente organizada em todos os seus pormenores, teve a grandeza correspondente ao alto acontecimento histórico que consagrava.

O cenário dificilmente se poderia imaginar mais deslumbrante.

Na imensa praça da portagem aberta no calcário amarelo do morro sobrepujado pelo monumento a Cristo-Rei, as vastas tribunas para as entidades oficiais e os convidados punham uma nota festiva de cor vermelha que se prolongava pelas encostas em grande número de galhardetes verde-rubros. Ao fundo, as colinas de Lisboa recortando-se no azul puríssimo dum céu de Agosto, com a tela grácil da ponte em primeiro plano.

O coral da «Alélua», de Handel, as palavras comovidas dos oradores, os cânticos litúrgicos que acompanharam a bênção

pelo Cardeal-Patriarca compuseram um ambiente sonoro de crescente intensidade, que atingiu o ponto culminante no momento em que o Chefe do Estado, premindo um botão eléctrico, fez descer as bandeiras nacionais que cobriam as quatro lápidas colocadas nas extremidades da ponte. Nesse momento subiu do rio o silvo das sereias, ao mesmo tempo que estrelejavam os foguetes e que o ar era agitado pelas asas de milhares de pombos que subiam no espaço em grandes revoadas por cima das tribunas.

Foi um instante de grande emoção esse em que o Chefe do Estado anunciava a abertura ao trânsito da mais importante obra pública até hoje realizada no nosso país, empreendimento de extraordinária envergadura que ficará como legado precioso para as gerações vindouras. Mas, acima de tudo, a cerimónia inaugural foi uma homenagem e uma apoteose — homenagem aos engenheiros e operários que realizaram essa obra grandiosa; apoteose do estadista que a tornou possível e que, tendo consagrado a melhor parte da sua vida à Pátria, vê agora o seu nome perpetuado numa criação que faz o orgulho de Portugal.

Actividades da Direcção-Geral do Ensino Primário

Sem desprimor para outros tipos de ensino praticados em todo o Império Português, alguns verdadeiramente apreciáveis, não apenas no País mas igualmente no estrangeiro, graças especialmente à categoria dos diplomados nacionais que trabalham em todo o mundo nos mais variados sectores, consideramos o ensino primário o mais completo, não apenas por abranger toda a população, tenha ou não possibilidades, ao contrário do que sucede com outros graus de ensino, mas igualmente pela autêntica devoção que os professores primários e regentes escolares dedicam à sua magnífica e imponente obra, talvez a mais importante de todos os servidores do País, pois são uns e outros que comemoram a formar o carácter do

(Continua na 4.ª página)

Luis Frias Fernandes
Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEFONE 38

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES
MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas às 2.^{as}, 4.^{as} e sábados das 9 às 12 horas e 5.^{as} e sábados das 15 às 18 horas.

Telefone 98

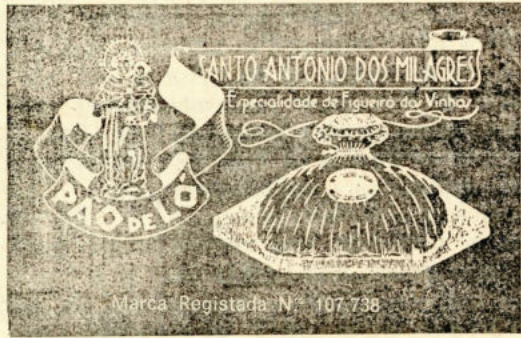
FIGUEIRO DOS VINHOS

Manuel Alves da Piedade
Médico

CLÍNICA GERAL

Telefone 98

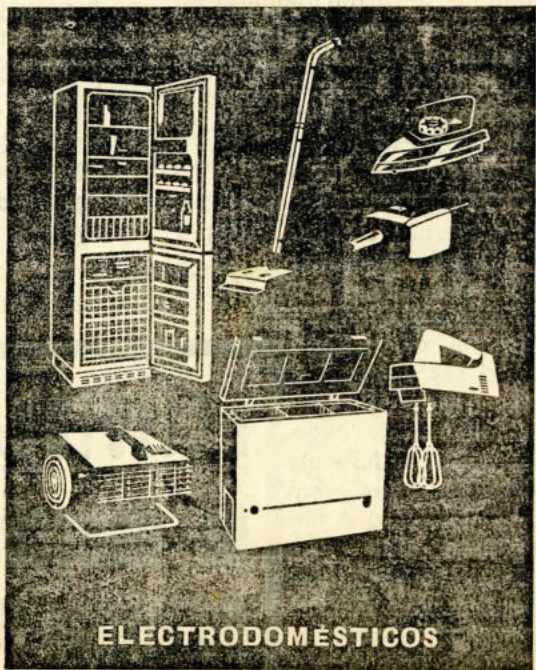
FIGUEIRÓ DOS VINHOS



TELEFONE
P. P. C. 50

Ourivesaria Lourenço

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINIS
Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH



TELEFONE 105

FIGUEIRO DOS VINHOS

ELECTRODOMÉSTICOS

Encarrega-se de todos os consertos em RÁDIO e TELEVISÃO

COBRANÇAS DIFÍCEIS

trata José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.
Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Benfica, telefone 700491.

Anunciar em « O Norte do Distrito » é fazer chegar os produtos de V Ex.^a a todo o mundo.

SEGUROS

Efectuam-se de Pinhais e em todos os ramos.
JOAQUIM DE MATOS PINTO
Figueiró dos Vinhos.

Máquina de costura Singer
Cose e borda. Vende-se por 2200\$00 como nova, com garantia por 10 anos. Também vende outras marcas à escolha do cliente.
Irolinda Nunes Curado—
Figueiró dos Vinhos.

Elias Tavares Cravo
MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.º e 3.º sábado de cada mês, às 9^h 30^m.

TRILHO Y BLANCO
MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos - Nariz - Garganta
Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, nas 1.^{as} e 3.^{as} quartas-feiras de cada mês, às 9^h 30^m.

PROPRIEDADES VENDEM-SE

— Composta de Pinhal, Eucaliptos e Oliveiras, sita ao Barreiro, ou Vale das Albardas de Baixo. Confronta com a estrada distrital e estrada do Campo da Bola.
Casa de Habitação, ao cimo da Vila, S. Sebastião.
Quem pretender dirija-se a D. Alzira Paiva Vidigal, Rua Praia da Vitória N.º 20 — LISBOA-1
Aceitam-se propostas.

Assine este JORNAL

O MELHOR PÃO-DE-LÓ
É O DA

CONFETARIA Santa Luzia

DE A. C. Campos

TELEFONE 129

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA
INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telefone PBX — 50

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE

Soç. Comercial Figueiroense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS E TINTAS — AGENTE DA «ROBIALAC»

Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Repartição de Finanças do Concelho de Figueiró dos Vinhos ANÚNCIO

JOAQUIM MARQUES, Juiz Auxiliar do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos no concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faço saber que, no próximo dia 24 do corrente mês de Setembro, pelas 10 horas, à porta desta Repartição de Finanças, hão-de ser postos em primeira praça para serem arrematados pelos maiores lanços oferecidos, superiores aos valores que adiante se indicam, os seguintes bens, penhorados nos autcs de execução fiscal n.º 3/965, que a FAZENDA NACIONAL move contra o Sr EDUARDO QUARESMA PIMENTA, viúvo, residente no lugar dos Mosqueiros, freguesia de Almofala, deste concelho, para pagamento da quantia de 26 565\$00, por dívidas de sisa multa por infracção do n.º 4.º do art.º 115.º do Código da Sisa e do Imposto sobre as Sucessões e Doações e de imposto de justiça do ano de 1964 e bem assim das custas e selos do processo até final:

BENS A ARREMATAR PRIMEIRO

— Um olival ao FUNDO DAS VINHAS, limite de Almofala de Baixo, com a área aproximada

de 1179 m2, a confrontar do nascente com a estrada, norte, sul e poente com José da Silva, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Aguda sob os artigos 1724 e 28 447, com o valor matricial corrigido de 1225\$ e 1025\$00, respectivamente, e descrito na do Registo Predial desta Comarca sob o n.º 32623, a fls. 29 v. do Livro B 83. Vai à praça no valor de 40 000\$00;

SEGUNDO

— Uma terra com videiras sito à VARZEA, limite de Almofala, com a área aproximada de 1111 m2, a confrontar do nascente com Seratim da Gama, norte com António Marques, poente com a estrada, e do sul com Possidónio Marques, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Aguda sob os artigos n.ºs 1365 e 1363, com o valor matricial corrigido de 2250\$ e 875\$, respectivamente, e descrito na Conservatória do Registo Predial desta Comarca sob o n.º 32625. Vai à praça no valor de 10 000\$;

TERCEIRO

— Metade indivisa de uma tojeira na FONTE DA SERRA, com a área aproximada de 500 m2, a confrontar no seu todo do nascente com João Vaz, norte com António da Silva, sul e poente com a estrada, inscrita na matriz predial rústica da mesma freguesia sob os art.ºs 4774 e 4782 1/2 com o valor matricial corrigido de 450\$00 e 450\$00, respectivamente, e descrito na mesma Conservatória sob o n.º 33943. Vai à praça no valor de 4000\$00;

QUARTO

— Um pinhal no ARIEIRO DA LOMBA, com a área aproximada de 2499 m2, a confrontar do nascente e poente com a estrada, norte com Adriano Lopes Medeiros e do sul com Francisco Medeiros, inscrito na matriz predial rústica da mesma freguesia sob o art.º 1447, com o valor matricial corrigido de 2525\$00, e descrito na Conservatória referida sob o n.º 33944. Vai à praça no valor de 8000\$00; e

QUINTO

— Um pinhal no VALE DO CORTIDO, limite de Aguda com a área aproximada de 833 m2, a confrontar do nascente com o ribeiro, poente com Josefina Lopes e do norte com a estrada, inscrito na matriz predial rústica da mesma freguesia sob o artigo n.º 4869, com o valor matricial corrigido de 700\$, e descrito na Conservatória anteriormente referida sob o n.º 33945. Vai à praça no valor de 3000\$00.

— São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos para assistirem aos termos da execução.

E eu Joaquim dos Santos de Oliveira, escrivão, o subscrevi.

O Juiz Auxiliar,
Joaquim Marques

SEGUROS

Automóvel, Responsabilidade Civil, Fogo, Acidentes de Trabalho Agrícolas e todos os ramos autorizados por lei.

Irolinda Nunes Curado—
Telefone 34—Figueiró dos Vinhos.

Política Internacional O Mito do Amadorismo

Olímpico

A guerra é, de por si, um acervo de crueldades, a prática das maiores violências. Mas os homens têm engenho suficiente para as agravar com requintes de ferocidade e com recrudescências na « arte de matar e de morrer », como dis o ameno Tolentino. Não foi sem sobrada razão que nos períodos intercalares de paz, homens de são juízo procuraram estabelecer leis internacionais que atenuassem as crueldades da guerra. Essas leis foram estabelecidas pela convenção Internacional de Genebra sobre prisioneiros de guerra, por exemplo. Estabelece tal Convenção, datada de 1929, deverem eles ser tratados com humanidade e com respeito, sem injúrias, nem maus tratos, sem violências, sem exposição à curiosidade pública, sem que sobre eles possa exercer-se acção represália. Nova reunião em Genebra (1949) confirmou estas disposições. No Sec. XX a Rússia e a China têm submetido os prisioneiros de guerra a tratamentos desumanos: fome, sede, torturas, pressões de ordem física e moral para lhes arrancar informações de ordem militar e política. Ora, segundo convenções internacionais, aos prisioneiros de guerra não se pode exigir mais declarações que as relativas à sua identidade: nome, graduação, idade. Por ocasião da guerra da Coreia, os soldados americanos que caíram em poder dos Chineses eram submetidos a iníquos maus tratos para fazerem declarações de natureza militar e política. Alguns sucumbiram e fizeram falsas e verdadeiras declarações. Libertados mais tarde, confessaram não haverem ter sido heróis. O governo norte-americano e o presidente Eisenhower redigiram então o Código de procedimento dos prisioneiros de guerra caídos em poder do inimigo. Esse Código impõe ao prisioneiro de guerra heroísmo que nem todos têm. Alguns, muito poucos dos 5600 prisioneiros de guerra americanos na Coreia, o coronel de Infantaria de Marinha Schawable, por exemplo, cederam aos tormentos. Este oficial acabou por declarar que os americanos haviam recorrido à guerra bacteriológica, o que era totalmente mentira, mas a campanha comunista contra os Estados Unidos serviu-se amplamente de tal declaração. Posto em liberdade, o coronel foi sujeito a conselho de guerra. Provou-se amplamente que cedeu a uma pressão humanamente insuportável. Apesar disso foi condenado a alguns anos de prisão. Numa das sessões do seu julgamento depôs o general William Frische Dean, modelo de prisioneiro de guerra heroico. Resistiu durante três anos às privações e aos interrogatórios seguidos. Acabou por declarar: — Não tenho a informação militar que me exigem, mas se a tivesse não a daria. Não sou traidor. Assim Deus me ajude. Libertado por troca, foi condecorado com a medalha de Honra. Depondo no julgamento de Schawable, manifestou a maior simpatia por ele e por quantos passaram o mesmo transe. « A resistência mental e física do homem a certas torturas tem um ponto de ruptura. Suicidar-me-ia de preferência a expôr-me a ser capturado outra vez » — disse. O caso do Cardeal Mindszenty mostra a que ponto chegam estes métodos de inquirição dos comunistas.

Vem isto a propósito da notícia que sobressaltou o Mundo:

que o governo do Vietnã do Norte iria julgar como criminosos de guerra os aviadores norte-americanos que têm prisioneiros e que são uns 60. Não sabemos a que tratamento eles terão sido submetidos mas é certo que são passeados pelas ruas de Hanoi e sujeitos às vaias da turba enfurecida. A notícia de que Ho Chi Minh os considerava criminosos de guerra e não prisioneiros de guerra fora dada pelo Embaixador do Vietnã do Norte em Pequim. « Argumento »: a guerra nunca foi declarada pelos Estados Unidos. Ora a Convenção de Genebra, que Ho Chi Minh aceitara mais tarde, considera prisioneiros de guerra todos os membros das forças armadas dum nação em conflito militar, declarado ou não como guerra, ao serem presos pelo inimigo. Foi enorme a comoção no Mundo todo. O papa apelou para os dirigentes de Hanoi, a fim de que poupassem a vida dos aviadores americanos. Wilson foi a Moscovo e uma das deligências que fez junto de Kossyguin, diligência totalmente frustrada, foi que o chefe do governo soviético pedisse pelos pilotos americanos. Ante este movimento internacional de repulsa, Ho Chi Minh desistiu de julgar os aviadores americanos como criminosos de guerra ou criminosos comuns. Mas no mesmo dia em que esta notícia era difundida, se publicava a de que guerrilheiros do Vietcong executaram seis fuzileiros navais que lhes caíram nas mãos... Ho Chi Minh alegará que não foi ele que mandou...

Colocação de géneros alimentícios

Por intermédio dos Grêmios da Lavoura, a Comissão de Superintendência da Bolsa de Mercadorias de Lisboa vem dar a conhecer à Lavoura a possibilidade de as Bolsas de Mercadorias se porem em contacto directo com compradores especializados nos ramos de cereais e legumes.

Tratando-se de Organismos oficiais e porque a reputação por que se regem as Bolsas de Mercadorias oferece garantia efectiva do cumprimento dos contratos a compradores e vendedores, estando, portanto, as Bolsas indicadas como de imprescindível intervenção nos negócios da Lavoura que queira melhor saber guardar os seus interesses.

As transacções serão feitas por intermédio de correctores privados que, como oficiais públicos que são, emprestam a garantia e seriedade incréntes à sua própria função.

Desta maneira se evitará a intervenção por vezes gananciosa de certos intermediários que, tantas vezes tiram para si comissões exageradas ou mesmo especulam com manifesto prejuízo dos produtores.

Acrescem outras funções de grande interesse, tais como, a regularização de preços e ainda a de passagem de certidões para vários fins de utilidade.

A Secretaria da Bolsa prestará os esclarecimentos que forem solicitados, ou directamente ou por escrito, e mediante a indicação das quantidades mínimas de mercadorias que à Lavoura possa interessar serem negociadas em Bolsa.

Pede-se aos atletas modernos que se conformem a certo ideal olímpico, a que, por ocasião da inauguração dos jogos, prestam juramento. Este juramento e este ideal vêm-nos directamente da Grécia Antiga e, quando nos lamentamos do desaparecimento cada vez mais rápido do amadorismo integral, não deixamos de nos referir a esse ideal olímpico, que os antigos gregos, esses sim, respeitavam tão bem. E então, passam-nos pela imaginação imagens de pastores gregos a correrem num fundo de colunas helénicas.

Mas o que se silencia geralmente é que os antigos gregos, também não ficaram muito tempo nos pastores vindos directamente das montanhas, ou nos aristocratas que dispunham de tempo livre.

A maior das vezes imaginamos o atleta grego como um homem equilibrado, distribuindo a sua existência entre a vida do esportista e os jogos do ginásio e não vemos, geralmente, no desporto antigo senão elegância e harmonia do corpo, aliadas a uma certa « espontaneidade » a dos pastores cantados por Píndaro, que, à força de terem rivalizado em velocidade nas Ilhas Egeias com os seus rebanhos, partem um dia para Olímpia onde lhes concedem honras e coroas de louros.

E sem transição passamos desta visão idealizada do desporto antigo para a sua caricatura, para Nero a atribuir-se a si mesmo dois prémios de corridas de carros, depois de ter adaptado — e adaptado à sua maneira — as competições gregas tradicionais. Entre estes dois extremos decorrerão uns seis séculos, o tempo de uma evolução profunda, o tempo de ver o ideal olímpico cada vez mais escarnecido pelos seus mesmos criadores.

O mito do amadorismo antigo

Os conhecimentos que possuímos sobre os jogos e sobre os hábitos desportivos da antiguidade, estão ainda longe de serem completos. Os antigos atletas são ainda mal conhecidos.

Segundo as pegadas de Norman Gardiner, que foi o primeiro a consagrar à investigação dos desportos antigos toda a sua vida, o Prof. Bronislav Bilinski faz a síntese dos 12 séculos do olimpismo, para, finalmente, frizar o aspecto social dessas competições e seguir a evolução da sociedade grega. As suas teses, muitas vezes em contradição com os dados clássicos, esclarecem a uma nova luz a tradição olímpica. Digamo-lo já: elas desfazem-nos muitas vezes as nossas ilusões sobre o ideal antigo e tranquilizam-nos a respeito das queixas que fazemos hoje a certos desportistas ou aos organizadores.

Os jogos, originariamente, andavam ligados à ideia do culto sagrado. São destinados a apaziguar os deuses e desenrolam-se numa atmosfera fervorosa de recolhimento e de entusiasmo lírico. Este aspecto de concórdia grega é enganador, porque o que prevalece desde o século VI, na competição olímpica, é o espírito de campanário, a rivalidade entre cidades concorrentes da Hélada. Já não importa que « ganhe o melhor » mas que Esparta vença Atenas ou Atenas

Mégara. Estes vencedores, ao voltarem às suas cidades de origem, serão camulados de honras e entrarão na lenda.

Também o racismo

Com a idade de ouro na Grécia, as coisas começaram a mudar. Ao princípio, o recrutamento dos campeões fazia-se tradicionalmente, entre as famílias da aristocracia helénica. Estes atletas do século V e princípios do VI, encontramos-os, ocupando os primeiros lugares da vida pública de então. Os príncipes e os guerreiros não se dignavam defrontar os pastores nas corridas do diáulico.

Durante a época clássica, os ginásios são apanágio das classes ricas. Por isso mesmo, são deles excluídos, os atenienses da classe média, o povo, os artesãos, « os que vivem à sombra », nas suas lojas. São igualmente excluídos todos os que não são verdadeiramente gregos. O ideal olímpico está imbuído dum espírito de segregacionista. Para concorrer às Olimpíadas, é preciso « ser livre, de raça pura, e não ter sido condenado ».

O legislador Sólon interditará aos escravos o acesso aos estádios, e Temístocles, autor da vitória de Salamina, terá que se treinar num ginásio para gente de « sangue misto ». É que sua mãe não era grega, mas da Trácia.

O profissionalismo

O interesse crescente dos jogos, a repercussão cada vez maior das vitórias, as rivalidades exacerbadas entre as cidades, levaram a uma profunda evolução dos costumes, que se manifesta no decurso do século V. O « século de Péricles » vê as competições tornarem-se cada vez mais rigorosas, enquanto, por outro lado, a glória dos vencedores atinge proporções, até aí inéditas. Os favores com que se comulam os vencedores começam a assemelhar-se muito a verdadeiros salários.

Nos jogos Panateneus, que se realizavam em Atenas no terceiro ano de cada Olimpíada, não se distribuíam aos vencedores menos de 1300 ânforas de azeite, e o vencedor de uma corrida de carros recebia, só ele, 140 ânforas. Os vencedores são, por toda a parte, isentos e vivem a expensas da comunidade.

Uma vez que à vitória estavam associadas vantagens materiais consideráveis e que, para a alcançar, se requeria treino prolongado, aparece uma nova categoria de atletas. Diante deles os antigos amadores, apagam-se. Desde o fim do século V são os « animais de competição » que triunfam. Para estes, o acesso ao desporto é uma promoção social, e por isso, sujeitam-se de bom grado às novas exigências. Depressa surgirá a tentação de « fabricar » campeões metódicamente, e aperfeiçoar os amadores por meio de um treino assíduo. À medida que se melhoram as exibições, as regras dos jogos vão-se modificando paralelamente ao aperfeiçoamento técnico.

Treinadores e regime alimentar

O treino, primeiro feito ao acaso, segundo a iniciativa pessoal, vai tornar-se metódico. Cria-se uma nova profissão, a de

treinador. Passar-se-á assim ao desporto estudado, assalariado, digamos a palavra abominada: ao profissionalismo.

As cidades tomam à sua conta os desportistas, que não têm tempo para trabalhar e ganhar a vida, ocupados como estão em treinar-se e andar de uma competição para outra. Assim nascerão os « periónicos » vencedores dos Jogos pan-helénicos como um certo Teógenes que entre 480 e 471, em luta e pugilismo, obteve umas 1200 vitórias nas quatro competições pan-helénicas.

Conhecem-se ainda outros atletas famosos que acumulavam vitórias sobre vitórias. Um corredor pedestre, Philinos de Cos, obteve 24 vitórias pan-helénicas. Um lutador, Astyanax de Mileto ganhou as provas de luta e pugilismo nas 114.^a, 115.^a e 116.^a Olimpíadas (324-316 a. C.). Este Astyanax era também célebre pela sua voracidade. Conta-se que depois de uma série de provas, comeu, ele sozinho, as iguarias dum banquete que havia sido preparado para nove pessoas... Deve-se citar ainda Leônidas de Rodes sem dúvida o mais famoso corredor da antiguidade, que se deu ao luxo de ganhar todas as corridas, de velocidade de meio fundo e fundo, durante três Olimpíadas sucessivas.

Os atletas profissionais tinham treinadores, pagos também eles, cada um com o seu método próprio.

Os atletas seguiam, além disso, um regime alimentar especial.

Segundo Gardiner, substituíam a habitual alimentação espartana do grego médio (figos e queijo) por uns três quilos diários de carne. Estes campeões de « forcing » estavam longe, segundo parece, de corresponder aos cânones da estética antiga. Este excesso levado ao extremo, fazia deles uma espécie de monstros de que certas estátuas da época nos permitem uma ideia. Xenofonte criticará os atletas que têm fortes pernas e ombros estreitos, quando não se dá precisamente o contrário. É raro que estes campeões, mal preparados ou super-preparados, tenham uma longa carreira.

Sob o Império Romano a profissão aparece-nos bem organizada. Formam-se associações de atletas, espécie de sindicatos, sustentadas pelos imperadores: os « Xistos ».

Continua no próximo número

FALECIMENTO

No passado dia 4 do corrente faleceu nesta vila, com 77 anos de idade, a Sr.^a D. Isaura de Paiva Nunes Godet, viúva do Sr. Gustavo Coelho Godet, que foi probo comerciante na nossa praça.

O funeral da bondosa extinta que no dia seguinte se realizou para o cemitério municipal constituiu verdadeira manifestação de pesar.

A toda a família enlutada apresentamos sentidas condolências.

Encomende à Tipografia deste jornal os impressos de que necessite. Ficará bem servido.

A PROMOÇÃO DA FAMÍLIA RURAL

Foi um erudito inglês — Aubrey Bell — quem considerou o povo português, apesar de alguns aspectos de ignorância, o mais culto, pelas ricas formas de vida tradicional, expressão religiosa, traje, folclore, etnografia, linguagem, a própria arquitectura e artesanato. No seu inevitável nivelamento, corre a vida moderna o risco de subverter esse tesouro dos séculos, que nos individualiza. Sem nada lhe dar, em retorno. Diante do surto epidémico de emigração que por toda a parte se adverte, as populações partem e, se voltam, vêm estrangeiradas. Outras vezes, se foi só o chefe que andou por terras estranhas, quando regressa ao lar traz consigo outras exigências de sociabilidade doméstica. E não poucos infortúnios conjugais resultam do desajustamento entre ele, que traz nos olhos outra luz, e o agregado familiar — mulher e filhos — que não sabem dar-lhe já o que ele exige.

Por outro lado, o progresso, se bem orientado, não hostiliza a tradição, antes a integra e transfigura. A vida não pára. Dentro do panorama de intensa socialização a que estamos a assistir, nos dias de hoje não podemos nós, por outro lado, estacionar, precisamente nas zonas rurais, entre o verdadeiro povo, manancial inexausto de toda a renovação nacional.

Refiro-me aos Cursos de Formação Familiar Rural.

Quis estudar a mística propulsora de todas aquelas maravilhas que os meus olhos tinham na frente. Por isso me debrucei sobre a doutrina que, dentro da nossa orgânica corporativa, os rege. E não só concluí que o Corporativismo português continua vivo e eficiente, ao contrário do que pessimistas que nunca o estudaram proclamam, como também que as Casas do Povo constituem, ao lado da Igreja e da Escola, o melhor meio de educação popular e o mais completo mesmo, no campo social.

Nada ali vive esquecido. O programa dos Cursos atinge a mulher, em todos os sectores da sua actividade doméstica, como filha, noiva, esposa, e mãe, para, através dela e em articulação com a orgânica das Casas do Povo, elevar socialmente a família inteira e, por conseguinte, toda a população dos campos. Sob a orientação de agentes de educação familiar rural, especialmente habilitadas, durante meses, nas horas livres do seu trabalho diário, através do dia ou em serões (para o que escolhem, em cada região, as épocas de menor actividade agrícola), a rapariga recebe uma educação integral, em que nada fica esquecido, desde a sua dignidade portuguesa e cristã de mulher, ao amor enquanto noiva, esposa e mãe, à sua integração na sociedade aldeã, a uma piedade esclarecida e actualizada, à própria formação artística, com relevo para as manifestações do folclore regional.

Como dona de casa, a jovem não aprende só teóricamente os seus deveres futuros; ensinam-lhe a cozinhar, com variadas ementas, a bordar e a costurar, a cuidar das roupas domésticas, a fiar, a tecer, a cuidar das suas frutas, conservando-as e melhorando-as, a melhorar a sua horta, o aviário, o colmeal, a coelheira

e, mais que isso, a ser exigente na higiene caseira, a desdobrar-se em enfermeira dos seus, a cuidar devidamente dos filhos, tudo prevendo, a começar nos períodos pre-natais, ao parto, à lactação, à profilaxia das doenças infecto-contagiosas. Tudo pratico, tudo imediato, com o exercicio logo a ilustrar cada noção, como convém a gente nova, para mais sem cultura evoluida.

Que delícia para os olhos e que prazer para a alma ver estas exposições de bordados, enxovais, artefactos, pequenos móveis, tecidos, compotas, doçarias, tudo simples e belo, útil e realista, confeccionado com materiais e ingredientes locais, sem garridismos nem luxos, mas com um sentido de beleza, sem ordem, de conforto, no arranjo dos lares, que nos edifica e desiumbra ate. Aqui está a melhor maneira de promover a promoção da mulher rural e, através dela, da população portuguesa.

Francisco Videira Pires

José da Silva Pimenta

Em visita a seus familiares encontra-se em Vale do Rio, vindo de França, onde exerce a sua actividade, o nosso prezado amigo e assinante Sr. José da Silva Pimenta.

Desejamos-lhe uma óptima estadia.

Grave desastre de viação

No dia 8 do mês corrente, pelas 16 horas, na E. N. n.º 110 perto do lugar do Pontão e no sítio denominado Alto da Moita da Vela, um automóvel conduzido pelo seu proprietário Albino Carmo António, solteiro, de 24 anos, natural de Moninhos, freguesia de Aguda deste concelho, derrapou e foi embater com uma camioneta de carga.

Do violento choque resultou a morte imediata do condutor do veículo, de seu pai Mateus António, casado, comerciante, de 51 anos, e de mais dois ocupantes do carro, António Simões Quintas, casado, de 71 anos e Augusto Simões de Assunção, casado, de 48 anos, todos residentes no mesmo lugar de Moninhos.

O restante passageiro do automóvel Joaquim Silveiro Jorge, casado, de 31 anos, da mesma localidade, ficou gravemente ferido, pelo que foi conduzido aos Hospitais da Universidade de Coimbra, onde se encontra em estado desesperado.

PROPRIEDADE Vende-se

óptimamente situada, ao Bairro Teófilo Braga, com frente para a Estrada Nacional.

Possui pequena casa de habitação e terrenos anexos com árvores de fruto.

Sujeita à melhor oferta. Informa esta Redacção.

Procissões de Portugal no quadro das suas aldeias

Já se apelidou o mês de Agosto como sendo o «mês das romarias».

Não se desconhece, porém, que em todos os meses do ano e, efectivamente, com mais frequência nos meses de Verão, na maioria das aldeias de Portugal, ou mesmo em todas, há um dia de festa — o dia do seu Santo Protector.

E' um quadro belo na panorâmica deste Portugal cristão desde o seu berço, como nação in-

Actividades da Direcção-Geral do Ensino Primário

portugueses, que na maioria dos casos não podem aspirar a outra instrução e, consequentemente, a outros educadores.

É se até aqui este tipo de ensino era apreciado aos olhos de todos, melhor será agora, dado que, graças a uma ordem ministerial, o curso primário é aumentado em duas classes, passando de quatro classes a 6.

As crianças passam portanto a estudar dos 7 aos 14 anos, ao contrário do que faziam ultimamente, que faziam o curso primário dos 7 aos 2 anos.

Necessariamente que este aumento de escolaridade traduz maior número de conhecimentos, aliás necessárias para todos os portugueses que, ontem como hoje, têm necessidade de se evidenciarem nos mais variados sectores para onde a força das circunstâncias os chamar.

Dependendo o ensino primário do Ministério da Educação Nacional pode no entanto ser oficial ou particular, sendo em qualquer dos casos necessários aos professores serem diplomados pelas Escolas do Magistério Primário, que existem praticamente em todo o Império Português, isto é, na Metrópole, nas Ilhas Adjacentes e nas Províncias Ultramarinas, sendo algumas destas frequentadas por cidadãos portugueses originários das províncias de África.

Existindo actualmente uma escola por cada Núcleo de 35 crianças em idade Escolar, funcionando noutros casos Postos Escolares que podem comportar 10 ou mais alunos.

A par das actividades dos professores e das professoras, que aliás predominam no sector em causa, não desmerecendo do comportamento dos seus colegas masculinos, pelo contrário, existe a rádio-escolar, actualmente tão vulgarizada e apreciada em todo País. Dirigida por um director Geral, que por sua vez é coadjuvado por Chefes de Repartição e 18 inspectores, a Direcção, Geral do Ensino Primário conta ainda com directores de distritos escolares (um em cada distrito), delegados escolares e os mais directos colaboradores em empresa de tanta importância social os já referidos professores primários, a quem o País muito deve neste domínio.

João Correia

dependente. E' a vida dum povo que sempre se devotou à Virgem e evocou nos seus grandes feitos o Poder do Alto, levantando igrejas, capelas, ermidas, cuja silhueta singela recorda os horizontes da nossa terra.

E' um quadro florido de devoção e de crença que o próprio poeta do «Só» já cantara, que os artistas vivem e immortalizam nas suas manifestações de espírito.

Mas, nestas festas das aldeias, nas suas procissões, tudo é simples e enternecedor. As procissões dão um cunho típico de júbilo no dia do «Santo» de cada terra, o ambiente respira música também singela, em coro multipolifónico e num desfilar vagaroso e solene.

«Procissões de Portugal! Com que ternura as evocamos, nas tardes melancólicas da vida, num regresso doce de espirito aos tempos da nossa infância!» Assim escreveu algures o mimoso poeta Padre Moreira das Neves.

A festa, a procissão, a romaria o repicar do sino, o estrelejar de foguetes e a ornamentação de ruas e da igreja paroquial com verduras e festões, que as mãos delicadas das moças architectaram, constituem bem um quadro da vida cristã das aldeias de Portugal.

A Igreja Paroquial é o centro da festividade em cada terra.

E, a par, a capelinha airosa, pousada no alto da colina, à entrada ou saída da povoação, ou ainda perdida no panorama campestre, como pomba mansa que arrulha apenas quando fustigada por qualquer tempestade em dia noturno de inverno.

A ermida branca acorda nesse dia do silêncio dos campos, porque os devotos ali se dirigem para cumprimento de votos feitos em horas de aflicção, aos pés do Santo protector da localidade.

As procissões, durante a festividade, já tiveram, porém, mais recato e brilho, em tempos idos, quando era mais arreigada a crença do povo. Profanar a simplicidade rural ou modificar o âmbito festivo de cada romaria não nos parece boa orientação de apostolado.

O homem do guião, geralmente o rapaz valente nos seus 20 anos de mocidade, já não desempenha a sua função com um sentido de solenidade que velhos

Pagamento de assinaturas

Tiveram a gentileza de actualizar o pagamento da assinatura de «O Norte do Distrito» os nossos prezados assinantes:

- Manuel Conceição Martins, Casal dos Ferreiros da Bairrada;
- José João Nunes, do Alardo;
- Belmiro Domingos Conceição, de Lisboa;
- João dos Santos, São Paulo-Brasil;
- Manuel Simões Rodrigues, de Campelinho;
- António Lapa Graça, Casal dos Ferreiros-Graça;
- Custódio Nunes Luzia, morador no Alardo-Graça; e
- Manuel Almeida Fernandes, residente em Lisboa.

A todos os nossos melhores agradecimentos.

mordomos de romarias exigiam aos voluntários.

Os rapazes do andor, os homens do pálio e das insígnias, distraidamente talvez, quebram já o silêncio e o respeito da crença dos nossos maiores.

Procissões de Portugal, nas aldeias ou nas cidades, simples ou oficializadas, perdem brilho e cor no seu conjunto e significado. Gostaríamos que não fosse assim.

VIRÓLIO AFONSO

O LEITE NA BEIRA LITORAL

Mercê de uma política séria que a Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral está a desenvolver dentro da sua área, começa-se já a verificar uma melhoria no preço de leite.

O leite que se cotava até há pouco 2\$10-1\$90 e 1\$70, nas classes pasteurizável, comum e desvalorizado, passou em toda a área, respectivamente para 2\$30-2\$10 e 1\$70, mantendo-se apenas, como é lógico e justo, o preço de leite desvalorizado, e este mesmo, enquanto o lavrador o queira.

O leite desvaloriza-se pela fraude (água) por falta de higiene, por mistura dos leites da noite e da manhã, por má ordenha, por desordenamento nas mamadas dos vitelos, etc., etc.

Mas todo o lavrador que pretenda valorizar o seu leite poderá fazê-lo sem grandes despesas ou grandes dificuldades a vencer.

Bastarão para tal os cuidados necessários e que na grande maioria são do seu conhecimento e... limitar-se a entregar, só e apenas o leite que em verdade a vaca dê.

Quando o fizer, e depois de pedir, se o desejar, os esclarecimentos às Brigadas de Vulgarização, deixará de ter leite desvalorizado e começará a caminhar para um leite comum a 2\$10 ou mesmo para um leite pasteurizável a 2\$30; podendo mesmo vir a receber mais ainda.

A classificação do leite é uma necessidade absolutamente lógica e honesta pois não há o direito que uns tantos ignorantes, descuidados ou desonestos, estejam a receber o mesmo que tantos outros que não enveredam por práticas dessa natureza.

Felizmente são poucos aqueles que entreguem leite desvalorizado cerca de 15 a 17% mas todos têm possibilidade, como se disse, de serem eliminados daquela classe, deixando de ser os portadores da «Lanterna Vermelha» do leite da Beira Litoral.

Mas há leite que é entregue nos postos da Recolha por carreiras, que recolhem e transportam leite de 4,5 ou mais produtores.

Os produtores que se encontram nesta situação, sempre que se julguem prejudicados quanto à classificação que lhes for feita, devem dirigir-se aos Núcleos e aos laboratórios da Federação para verificarem se o dinheiro recebido, da mão da carreira, foi em verdade o que esta recebeu da Federação... e quem os avisa seu amigo é.

Visado pela Comissão de Censura